



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA- UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAMILA DA CONCEIÇÃO

Atividades socioeducativas, pobreza e infância: uma análise das atividades realizadas
pela ReaPODERE na comunidade de Estrada Velha (Acarape-CE)

Acarape

2022

CAMILA DA CONCEIÇÃO

Atividades socioeducativas, pobreza e infância: uma análise das atividades realizadas pela ReaPODERE na comunidade de Estrada Velha (Acarape-CE)

Monografia apresentada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof, Dr James Ferreira Moura Junior

ACARAPE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Conceição, Camila da.

C743a

Atividades socioeducativas, pobreza e infância: uma análise das atividades realizadas pela ReaPODERE na comunidade de Estrada Velha Acarape-CE / Camila da Conceição. - Redenção, 2022.
53f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. James Ferreira Moura Junior.

1. Pobreza. 2. Infância. 3. Extensão Universitária. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.56

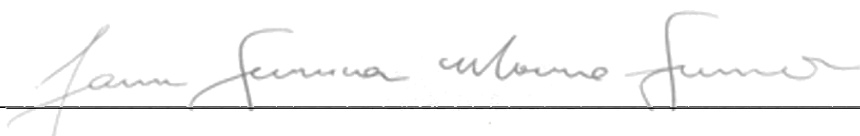
CAMILA DA CONCEIÇÃO

Atividades socioeducativas, pobreza e infância: uma análise das atividades realizadas pela ReaPODERE na comunidade de Estrada Velha (Acarape-CE)

Monografia apresentada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof, Dr James Ferreira Moura Junior

Aprovado em: 20 De Julho de 2022



James Ferreira Moura Júnior. Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Nathalia Medeiros Mesquita. Especialista em Saúde Mental pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Antonio Ailton de Sousa Lima. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço a Deus por sempre me dar forças para continuar, por nunca me abandonar e ouvir sempre minhas orações. Por muitas vezes quis desistir, mas Deus sempre esteve comigo e me ajudou a levantar, nas vezes que eu caí e fraquejei segurou a minha mão, sendo assim, não teria ninguém mais importante que Ele a ser agradecido primeiro.

Agradeço aos meus avós, que os considero como pais, José Zuca e Maria das Neves, que sempre incentivaram meus estudos, me apoiaram e dedicaram seu tempo para cuidar de mim, me deram amor, me ensinaram sobre o amor, sobre respeito, responsabilidade e me permitiram ter uma infância e um crescimento saudável e feliz. A eles sou grata pela minha vida, pelas minhas conquistas e por tudo o que sou hoje.

Agradeço ao James Moura Jr. e a todos que compõem a reaPODERE. Pela oportunidade de conhecer esse projeto maravilhoso e de me permitir crescer, aprender e me desenvolver tanto pessoalmente como academicamente. Foram momentos maravilhosos, onde pude aprender mais sobre amor ao próximo, companheirismo, amizade, compaixão e a importância de um olhar mais afetivo ao próximo.

Agradeço por fim, a todos que fizeram parte da minha jornada acadêmica e de vida, principalmente de vida, que me incentivaram, me apoiaram e contribuíram para ser quem sou hoje. Aos meus amigos e ao meu companheiro de vida Samuel Almeida que me ajudaram nos momentos mais difíceis, e me fizeram enxergar um futuro e oportunidades de vida melhores.

RESUMO

Esta monografia, tem por objetivo principal analisar as atividades socioeducativas desenvolvidas pela reaPODERE e sua influência no desenvolvimento de consciência crítica com crianças participantes. Tais atividades são realizadas com crianças de diversas idades que se situam nesse cenário. Pontua-se que a elaboração e execução das atividades são realizadas por um projeto de ensino, pesquisa e extensão da UNILAB, a reaPODERE, sigla para Rede de Estudo e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências. O grupo mencionado e a qual faço parte desde do ano de 2018, busca trabalhar o lúdico, resgatar a infância e trabalhar temas sociais com as crianças semanalmente. As atividades de pintura, as brincadeiras, as oficinas de balé, capoeira, tranças entre outras atividades nos possibilitam levar cultura, diversão e aprendizagem. Contudo, neste texto vamos percorrer sobre o conceito de infância, pobreza e a importância das atividades socioeducativas no desenvolvimento social, pessoal e visão de futuro das mesmas, as quais são afetadas diariamente pela invisibilidade, pela pobreza e por diversas questões sociais desde tão jovens. A metodologia utilizada se deu através das observações realizadas em visitas à comunidade, bem como pela escrita e análise dos diários de campo (principal fonte para obter os resultados desta pesquisa) e execução das atividades. Enquanto os resultados, escrevo sobre os estigmas que cercam a comunidade de Estrada Velha, sobre as análises das atividades elaboradas e das principais problemáticas encontradas nas falas das participantes contidas em observações registradas nos diários de campo. Escrevo também sobre o desenvolvimento crítico que as crianças desenvolveram através das atividades, que as possibilitaram compreender melhor seu lugar social e buscar sua emancipação.

Palavras-chave: Pobreza; Infância; Atividades Socioeducativas; Extensão Universitária.

ABSTRACT

This monograph, has as its main objective to analyze the socio-educational activities developed by reaPODERE and its influence on the development of critical consciousness with participating children. Such activities are carried out with children of different ages who are located in this scenario. We point out that the elaboration and execution of the activities are carried out by a teaching, research and extension project of UNILAB, the reaPODERE, which stands for Rede de Estudo e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências. The aforementioned group, which I have been part of since 2018, seeks to work on playfulness, rescue childhood, and work on social issues with children on a weekly basis. The painting activities, the games, the ballet workshops, capoeira, and braiding, among other activities, allow us to bring culture, fun, and learning. However, in this text we will go through the concept of childhood, poverty, and the importance of socio-educational activities in the social and personal development and future vision of the children, who are affected daily by invisibility, poverty, and various social issues from a very young age. The methodology used was through observations made during visits to the community, as well as through the writing and analysis of field diaries (the main source to obtain the results of this research) and the execution of activities. As for the results, I write about the stigmas that surround the community of Estrada Velha, the analysis of the activities developed, and the main problems found in the statements of the participants contained in the observations registered in the field diaries. I also write about the critical development that the children developed through the activities, which enabled them to better understand their social place and seek their emancipation.

Keywords: Poverty; Childhood; Socioeducational Activities; University Extension.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 : Imagem do território.....	29
Figura 2: Comunidade reunida para o evento São João da Estrada Velha.....	30
Figura 3: Casa onde era realizada as atividades	32
Figura 4: Tabela das crianças participantes das atividades 2018/2019.....	33
Figura 5: Entrada da comunidade, onde a rede realizava suas atividades.....	37
Figura 6: Apresentação das afrontosas	41
Figura 7: Evento Natal da família Estrada Velha.....	41
Figura 8: Frase no muro da comunidade	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA	13
3 PROBLEMA DE PESQUISA	15
4 OBJETIVOS	16
4.1 Objetivo geral	16
4.2 Objetivos específicos	16
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
5.1 Infância em situação de pobreza	16
5.2 Atividades socioeducativas	19
5.3 A socioeducação, a educação e o desenvolvimento da consciência crítica	23
7 MÉTODOS	26
7.1 Tipo de Pesquisa	26
7.2 Técnica de Pesquisa	28
7.4 Sujeitos de pesquisa	31
7.5 Procedimentos	33
7.6 Análise dos diários de campo	34
7.7 Aspectos éticos	36
8 RESULTADOS	36
8.1 Atuando na comunidade: problemas sociais que afetam as infâncias	36
8.2 Análise das atividades socioeducativas desenvolvidas como promotoras de consciência crítica	36
8.3 Impacto da pobreza nas crianças	42
8.4 A comunidade de Estrada Velha, suas privações e os estigmas que a cercam	46
9 CONCLUSÕES	49
10 REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O interesse do tema surgiu através das observações como extensionista da reaPODERE e com meu o processo de formação no curso de pedagogia, a qual me permitiram visualizar a importância da educação em espaços escolares e não escolares, assim destacando a necessidade de existir um diálogo entre esses dois pontos para que a aprendizagem tenha significado na formação como cidadãos críticos e contribuindo nas trocas de saberes individuais e coletivos.

Meu primeiro contato com a Comunidade foi no ano de 2018, logo após passar na seleção da reaPODERE, em uma ação juntamente com os alunos da enfermagem, onde levamos produtos higiênicos para as pessoas e realizamos testes rápidos enquanto brincávamos com as crianças. A partir desse momento já fui criando um afeto pelas crianças e pela comunidade, me permitindo assim ter uma melhor comunicação com as pessoas que ali se encontram.

Meu primeiro contato com a Comunidade foi no ano de 2018, logo após passar na seleção da reaPODERE, em uma ação juntamente com os alunos da enfermagem, onde levamos produtos higiênicos para as pessoas e realizamos testes rápidos enquanto brincávamos com as crianças. A partir desse momento já fui criando um afeto pelas crianças e pela comunidade, me permitindo assim ter uma melhor comunicação com as pessoas que ali se encontram.

A reaPODERE - Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências¹ se constitui no tripé pesquisa, ensino e extensão. A rede é constituída de forma interdisciplinar e constitucional, com membros de graduação e pós-graduação. As ações são realizadas de maneira conjunta e contemplam de maneira crítica o papel da UNILAB, trabalhando de forma detalhada sobre as estruturas sociais. Portanto, a rede age em busca de quebrar os muros entre universidade e comunidade, e conseqüentemente, na busca de uma educação emancipadora.

¹ Nome escolhido pelos integrantes da rede que atuam desde o ano de 2016. Projeto coordenado pelo o Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior pela Universidade da Integração Internacional Afro-Brasileira (UNILAB).

No mês de maio do ano de 2016, a reaPODERE iniciou a inserção na comunidade de Estrada Velha², a qual se localiza na cidade de Acarape, no maciço de Baturité.³ A localidade foi escolhida pelo fato de ser invisibilizada tanto pela cidade de Acarape, como pela própria universidade, esta última deveria trabalhar em um viés de universidade e comunidade. Diante dessa inserção no campo, destaca-se que o contato com as crianças que se encontram em situação de pobreza se torna necessário, além do sentimento de entender a dinâmica da comunidade e suas formas de resistência. Ao observar a dinâmica da comunidade, pode-se perceber que as famílias se encontram em situação de vulnerabilidade, e que em sua maioria, é constituída por pessoas negras. É uma comunidade estigmatizada tanto pelas pessoas de localidades vizinhas, como pela cidade, existindo uma ausência de políticas públicas. Deste modo, as atividades na comunidade se iniciaram diante a observação das necessidades da comunidade.

A comunidade Estrada velha é um campo de atuação da extensão universitária que sofre com o processo de estigmatização da própria população da cidade de Acarape e cidades vizinhas, a qual ficou reconhecida pelo tráfico de drogas, violência e pobreza, sendo totalmente marginalizada e negligenciada pela própria política local. Assim, segundo os relatos de uma das moradoras da comunidade, “a comunidade era vista como um lugar perigoso na maioria das vezes e que principalmente era um lugar esquecido.” (DC 17/05/2017). (Moura Jr; Lima e Silveira. p. 437, 2018)

As crianças foram as que deram um maior espaço para essas atividades acontecer O público se destacava por crianças de zero a doze anos de idade, as quais eram separadas em grupos conforme suas faixas etárias. Atualmente as atividades não ocorrem mais separadas em grupos por idades, mas em turnos diferentes, para assim acolher as crianças no contraturno escolar. As atividades são realizadas dois dias da semana com extensionistas diferentes. A extensão é realizada com estudantes da própria UNILAB e:

possibilita o engajamento na vida social da comunidade. Ao se deparar com a realidade multifacetada surgem as oportunidades de intervenção e trabalho educativo da extensão como prática para a transformação social articulada ao ensino e a pesquisa (SUGAHARA, p. 165)

² A comunidade Estrada Velha situa-se na cidade de Acarape-CE. É uma das cidades que compõem o Maciço de Baturité, que fica a 60 km da cidade de Fortaleza, capital do Ceará. A comunidade fica próximo ao campus dos Palmares da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

³ O maciço de Baturité atualmente divide-se em Aratuba, Guaramiranga, Mulungu, Pacoti, Palmácia, Acarape, Aracoiaba, Redenção, Baturité, Capistrano, Itapiúna, Barreira e Ocara.

A comunidade se caracteriza pela situação de pobreza, a qual causa um impacto significativo na vida e no desenvolvimento das crianças, com isso se percebeu a necessidade de criar estratégias e formas de resistências para que essas crianças possam entender o mundo ao seu redor com um olhar diferenciado e buscar uma vida mais digna. Assim sendo, as atividades socioeducativas realizadas pela reaPODERE, a qual será trabalhado nesta pesquisa se caracteriza em trabalhar temas relacionados ao fortalecimento comunitário, a identidade de si e do outro, ao tema sobre direitos humanos, ética e família, trabalhando sempre em uma perspectiva emancipadora, formando indivíduos críticos que estejam dispostos a mudar sua realidade. “Paulo Freire busca trazer a conscientização de educadores à medida que tenta dar à educação um caráter emancipatório como instrumento de libertação da consciência e da necessidade de atuação do homem na sua própria existência” (PADILHA et al, 2019, p. 65).

Destacando assim a educação formal que caracteriza por uma educação voltada para o meio escolar. Apontam-se também as experiências de vidas dentro do âmbito educacional, caracterizando assim a educação informal, a qual destaca os processos de socialização gerados no interior de relações intra e extrafamiliar” (GOHN, 2012, p. 177). É de suma importância se trabalhar ambas formas educacionais na perspectiva educar e formar cidadãos críticos. As atividades realizadas pela reaPODERE, não estão apenas voltadas para a educação informal, mas busca torná-los cidadãos críticos, reflexivos e transformadores. Com isso, busco analisar se essas atividades desenvolvidas produzem consciência crítica nas crianças, visto que essa teoria educacional de Freire visa emancipar os sujeitos oprimidos, ou seja, “[...] ajudá-los a se tornarem responsáveis pela formação de sua própria história” (RIBEIRO, 2018, p. 16).

As atividades são produzidas para fortalecer vínculos, trabalhar o lúdico e estimular atividades cooperativas e de compreensão crítica sobre a realidade entre as mesmas. Tendo algumas atividades com o objetivo de trabalhar o conhecimento sobre a comunidade, a atenção, representação dos núcleos familiares, trabalhar a imaginação, o respeito, e a convivência. “Portanto, o papel da extensão desenvolvida na reaPODERE é fortalecer a comunidade e os processos de resistência desenvolvidos por indivíduos em contextos de privação” (Moura Jr; Lima; Ferreira. 2016, p. 435).

Contudo, é necessário destacar que minha formação como pedagoga se baseia na concepção de emancipação das pessoas inseridas em processos de opressão, tendo em vista a realidade vivida e as experiências e descobertas ao longo da graduação e da formação na reaPODERE. É necessário um olhar tanto afetivo, como crítico da realidade a qual se vai trabalhar, para que possamos nos tornar educadores/as preparados/as para atuar em sala de aula,

ou como pedagogos/as em busca de uma emancipação e de uma formação crítica dos/as educandos/as.

Com base no que se foi relatado, tenho comigo que as atividades podem ajudar essas crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social desenvolver um novo olhar sobre as situações do dia a dia, e construir uma perspectiva de futuro, a qual anteriormente não existia, e com esse olhar, desconstruir o que foi implantado historicamente para a classe dos oprimidos. Assim, como Paulo Freire aponta, podemos criar um olhar crítico e uma ocupação dos espaços que muitas das vezes foram falados que não é nosso.

2 JUSTIFICATIVA

Diante as participações nas atividades de extensão as quais são realizadas semanalmente pela reaPODERE na comunidade de Estrada Velha, percebi que as atividades socioeducativas realizadas pelos extensionistas tem como característica principal trabalhar com essas crianças no viés de formar cidadãos críticos, ou seja, portadores de uma consciência crítica, a qual se dá através de “[...] uma educação libertadora que viabiliza ao homem os instrumentos para desvelar a realidade e os mitos criados pela superestrutura” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 228), além de buscarmos entender as formas de resistências que essas crianças possuem mesmo se encontrando em situação de pobreza.

Por estarem inseridas em um contexto social de vulnerabilidade e de estigmatização, a comunidade é de certa forma excluída pela cidade e pelas localidades vizinhas, as quais indicam como um lugar violento, com ausência também de políticas públicas que favorecem o desenvolvimento da comunidade, como por exemplo acesso a saúde, lazer, cultura, etc.

Considerando-se que a comunidade é constituída por famílias em situação de pobreza e marginalizadas pela sociedade, muitas das crianças passam a ajudar no sustento da família, como por exemplo, se deslocar para cidades vizinhas para pedir alimento nas casas, estando expostas também ao trabalho infantil, exploração sexual e tráfico de drogas. Em vista disso, esse projeto se insere na perspectiva de analisar as atividades socioeducativas promovidas pelos/as extensionistas da reaPODERE, e as questões sociais que afetam as infâncias e as impedem de usufruir deste momento da vida tão importante para seu desenvolvimento pessoal.

Através dessas atividades de extensão pode-se perceber não somente uma formação social, mas uma formação cultural, anti racista e decolonial. Tendo em vista que a extensão tem um papel de dialogar com a comunidade, e assim facilitar processos de compreensão crítica

sobre a realidade, possibilitando uma ação transformadora, essas atividades permitiram a criação de um vínculo afetivo, principalmente entre as crianças e os extensionistas, e conseqüentemente, a realização das atividades se tornaram muito importante, permitindo assim uma maior facilidade de comunicação e desenvolvimento das mesmas.

A extensão universitária na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996 é considerada “um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade.” (SUGAHARA, ANO p. 165)

Com base na interdisciplinaridade e seu papel na transformação social, a extensão por meio de atividades socioeducativas permite haver uma interpretação mais eficaz dos fatores sociais e do meio em que se inserem essas atividades. Segundo Fernandes (2011), elas possibilitam um maior aprendizado quando se trabalha com a cultura, com discussões e com experiências vividas. Para Sugahara (2012) a extensão impacta no desenvolvimento de um trabalho cooperativo através das atividades socioeducativas, podendo possibilitar melhorias para o meio em que vive.

Graciani (2010, p. 173), apud Sugahara (p. 167), ressalta que a ação pedagógica da extensão se desenvolve através de uma leitura da realidade daqueles que fazem parte do processo, permitindo visualizar potencialidades e situações significativas ao seu redor. Este trabalho realizado com as crianças tem como o foco a sua comunidade, as suas identidades, suas histórias e seu desenvolvimento pessoal e social.

Com isso, destaca-se que analisar as atividades desenvolvidas pela extensão nos permite compreender melhor a formação e o desenvolvimento social dessas crianças enquanto cidadãos, tais atividades socioeducativas é um caminho para que alcançar. segundo a Formação Itaú (2007, p. 06), o “desenvolvimento do sentido coletivo, da autonomia na vida, do acesso e o usufruto de serviços básicos, do reconhecimento e compromisso com questões que afetam o bem comum”, bem como, contribui para o desenvolvimento crítico na vida das crianças que fazem parte desse contexto de pobreza, às possibilitando criar uma consciência reflexiva sobre sua realidade, pois é através desta que “O homem tem a propriedade de transcender a sua atividade: dá sentido ao mundo, elabora objetivos, propõe finalidades” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 221).

3 PROBLEMA DE PESQUISA

É notório que a pobreza está inserida em diversos espaços do território brasileiro. Diante a esta afirmação podemos analisar que as crianças inseridas nesse espaço e contexto sofrem impactos negativos específicos, na qual estão mais expostas a questões de violências, drogas, trabalho infantil, e principalmente ao abandono escolar. A situação de pobreza traz impactos um tanto negativos no desenvolvimento escolar dessas crianças, que vai desde a estereótipos e preconceitos vinculados às questões de classes sociais, como a uma falta de projetos pedagógicos que tratem dessas questões em sala de aula. A falta de políticas e de professores qualificados para tratar e saber trabalhar dentro da sala de aula são questões que podem contribuir para o insucesso escolar.

Outro aspecto que tem impactos negativos é a falta de acessibilidade a materiais escolares, escolas bem estruturadas e a falta de investimentos na educação básica, a qual é o pilar da educação e a que recebe menos investimentos. “O Brasil detém indicadores educacionais de ensino fundamental semelhantes aos dos países pobres, com altas taxas de analfabetismo funcional, distorção idade-série, [...] professores mal-formados, baixos salários” (DUARTE, 2012, p. 69), proporcionando a classe pobre a educação sem qualidade e uma maior taxa de desistência escolar.

Diante dessas questões, as atividades socioeducativas trabalham no viés de tirar essas crianças e adolescentes da rua e do ócio, promovendo atividades no contraturno escolar, como forma de lazer. Desenvolvendo o reconhecimento do meio em que vive, buscando potencialidades na comunidade, tendo em vista que a educação é o meio mais apropriado de ressignificar a realidade, pois “a inserção em projetos socioeducativos constitui uma forma de resgatar as crianças e jovens que estão fora da escola e de promover sua reaproximação ao espaço escolar” (MOURA E ZUCHETTI. 2010, p. 11).

Os principais autores utilizados para o embasamento teórico desta escrita, são: Moura Jr (2018), Sarmiento (2002), Moura e Zucchetti (2010) e Silva e Perrude (2013), os quais participarão do desenvolvimento da pesquisa sobre os temas pobreza, infância, atividades socioeducativas e a importância dessas atividades para o desenvolvimento crítico e social das crianças.

Diante ao que se foi relatado anteriormente, surge a seguinte indagação: Como as problemáticas sociais encontradas no cotidiano de crianças as impedem de ter uma infância e um desenvolvimento crítico do seu contexto? Em outros termos, busco compreender as

atividades realizadas, tendo em vista a mesma enquanto uma metodologia eficiente de educar e formar em espaços não escolares, trabalhando junto à comunidade e dialogando diretamente com a realidade social, familiar e individual de cada participante, respeitando o espaço e a singularidade de cada um. E os problemas sociais que estão presentes no dia a dia das crianças, que muitas vezes se torna “comum”, porém prejudica o desenvolvimento das mesmas de inúmeras formas.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Analisar a influência das atividades socioeducativas desenvolvidas pela reaPODERE no desenvolvimento de consciência crítica em crianças da comunidade de Estrada Velha- Acarape-CE.

4.2 Objetivos específicos

- Descrever as atividades socioeducativas desenvolvidas pela reaPODERE;
- Compreender a realidade de pobreza na comunidade;
- Observar as contribuições das atividades realizadas pela reaPODERE na formação da consciência crítica das crianças.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 Infância em situação de pobreza

A infância é um momento muito importante da nossa vida, nela vamos aprender e formar conceitos, para Cruz e Hillesheim (2005), a infância é uma construção discursiva, a qual não significa um assunto isolado, mas que abrange diversos fatores importantes para a construção do mesmo, como a família, instituições escolares e outros elementos que instituem esse modo de ser e de viver a infância. Dito isto, é necessário destacar que existe uma construção de políticas públicas construindo as formas como essa infância deve ser vivida.

Sarmento (2002) relata que tais fatores e interesses têm como consequências a desigualdade social que produz essa situação de infância, ou seja, uma *crise social da infância*.

Tal crise se dá por problemáticas sociais que interferem na infância, como drogas, violência física, sexual ou psicológica, submetidas a situações de pobreza, guerras, racismo e até mesmo invadido pela morte, pelo abandono, e pela injustiça. Tais efeitos dessa desigualdade social podem gerar impactos negativos no desenvolvimento e na vida das crianças. Conforme Paiva (2009, p.27) “A idade em que a criança vivencia a pobreza também parece influenciar o desenvolvimento infantil. Se a pobreza ocorrer na infância tende a levar a repercussões no desempenho cognitivo”.

É necessário relatar o olhar sobre o percurso de desistências escolares vinculados à pobreza. Para Duarte (2012), o ingresso da classe popular em espaços escolares foi conquistado através de muita luta e pressões realizadas por movimentos sociais, mais especificamente da classe trabalhadora e de profissionais da educação, conseqüentemente, marcado por opressões e decepções.

O mau desempenho das classes populares foi atribuído a deficiências pessoais: alimentares, incapacidade cognitiva, doenças e outras adversidades e infortúnios que assolam os sobrantes, excedentes, supérfluos e inadequados pobres que ingressam na escola (DUARTE, 2012, p. 68).

O fracasso escolar está ligado a contextos socioeconômicos e políticos, além da desvalorização da pobreza, isso desencadeou o “sucesso” escolar dos ricos e o “fracasso” escolar dos pobres, mesmo estando inseridos no espaço escolar. A não existência de projetos para trabalhar a pobreza nas escolas fortalece estigma como o aluno pobre ser indisciplinado, lento e atrasado. Para FREIRE (1996), o sistema educacional nem sempre corresponde à necessidade dos estudantes, principalmente dos que condizem com as situações mais vulneráveis.

A pobreza a qual relato, não está somente ligada às questões financeiras, mas a um sistema político e social, que contribuem para a proliferação de vulnerabilidade social, Cidade *et al* (2016, p. 314), menciona que “[...] que a pobreza se expressa através de questões que são materiais, culturais, políticas, ideológicas e psicológicas”, tendo em vista que;

As carências monetárias, definidas em termos da deficiência de renda e de poder de consumo dos indivíduos, foram utilizadas para justificar a distinção entre os ricos e os não ricos durante longo período. Este olhar se demonstra insuficiente para dar conta das experiências de pobreza que envolvem privações sob mais variados aspectos relacionados à saúde, à educação, a políticas de geração de emprego e renda, ao esporte e ao lazer (MOURA apud, 2014, p. 342).

A considerar as manifestações da pobreza, destaca-se que a pobreza “unidimensional considera apenas um fator ou uma análise baseada nas necessidades nutricionais ou de abordagem monetária” (XIMENES, 2016, p. 269). Tendo em vista que a pobreza se caracteriza por uma abordagem mais ampla, Cidade *et al* (2012), faz uma abordagem sobre um olhar multidimensional da pobreza, a qual aponta para um olhar social, ideológico, políticas e psicológicas, podendo compreender a pobreza como uma junção de fatores que desqualifica uma pessoa ou um determinado grupo. Nesse sentido, pontua-se a pobreza enquanto uma “realidade enfrentada por uma parcela significativa da população brasileira, mas que as crianças podem ser atingidas de forma específica por esse contexto” (MOURA JR apud, 2018, p. 445).

Quando inserida nesse contexto, as infâncias passam a se resignificar não apenas levando um olhar de tranquilidade e brincadeiras, mas passam a visualizar e conviver em sociedades onde se presencia violência e exclusão. Giddens (1974) faz uma análise sobre os fatores estruturais que nos fazem compreender a imagem da infância como propulsora de paz e de inocência, mas que diante a exclusão social e os diversos fatores que ela afeta atinge de forma expressiva as crianças que se inserem diante essa porcentagem excluída, com isso, é necessário também discutir os fatores que levam a essa exclusão social.

Tendo em vista que a posição social das crianças ou até mesmo onde se inserem geograficamente se tornam categorias fundamentais para a construção da identidade. Sarmiento (2002) cita também que essa exclusão social traz fatores adicionais para essas crianças que vivem em situação de exclusão, as possibilitando de certa forma a agrupamentos/bandos que muitas vezes são estereotipados como delinquentes. “Esses bandos, porém, comportam geralmente formas muito criativas de expressão das culturas de crianças e jovens” (SARMENTO, 2002, p. 277).

Desse modo, percebe-se que a pobreza impacta de forma significativa a vida e o desenvolvimento das crianças. Dito isto, é necessário perceber que essas infâncias em situações de pobreza fazem essas crianças elaborar formas de pensar e se relacionar consigo, com a família e com a comunidade em que vive e suas ações cotidianas, a qual muitas das vezes de subestimam a ajudar a família ao invés de se dedicar ao meio escolar. O efeito dessa pobreza diante o desenvolvimento infantil “são a violência e a crise que predominam na imagem relatada dos quotidianos das crianças” (SARMENTO, p. 267, 2002)

Levar as atividades de cunho socioeducativos para crianças desse contexto as possibilitam além de compreender melhor sua realidade, mudá-la. Outro ponto importante, é a possibilidade

de acesso a atividades e brincadeiras que muitas vezes são tiradas das mesmas, pois o contexto exige um amadurecimento e um crescimento precoce muito rápido, com isso as atividades “levam em conta a história sociocultural e as questões emergentes na comunidade e no mundo, a ampliação do repertório e das oportunidades de aprendizagem das crianças e adolescentes, suas demandas e necessidades e os valores democráticos” (FUNDAÇÃO SOCIAL ITAÚ, 2007, p. 12).

5.2 Atividades socioeducativas

A promulgação da Lei Federal nº 8.069, a qual tem o papel de assegurar a proteção de crianças e aos adolescentes é regulamentada pelo o artigo 227 da constituição federal. Diante disso, Marchewicz (2013) cita que a partir da regulamentação desse artigo as crianças e os adolescentes no Brasil, são tidos como prioridades. Este dever não apenas destina-se às famílias das crianças e dos adolescentes, mas passam a ser um papel da sociedade e do estado, sendo um direito ao tratamento igualitário, livre de privilégios e discriminações.

A partir do ECA o exercício da cidadania pelas crianças e adolescentes, passa a ser direito de todos e dever da família, da sociedade e do Estado, pois estes são compreendidos como sujeitos de direitos em uma fase peculiar de desenvolvimento. (MARCHEWICZ, 2013, p. 14)

O termo socioeducação pode ser considerado complexo. Como podemos perceber, o mesmo nasce conforme o ECA é implementado, contudo, não é utilizado uma formulação teórica do termo. O mesmo se relaciona a medidas que se devem estabelecer para jovens infratores. Nesse cenário, Bisinoto et al, (2015) assinala que a socioeducação corresponde ao caráter educativo, e não mais punitivo das medidas estabelecidas pelo ECA, concluindo que:

Apesar do incontestado reconhecimento de que a socioeducação surgiu no ECA, há que se destacar que Makarenko tratava da educação social e não propriamente da socioeducação, terminologia que surgiu em virtude da semelhança do trabalho que o pedagogo ucraniano realizava com jovens abandonados, infratores ou privados de liberdade com a realidade das medidas socioeducativas no Brasil. Dessa forma, compreender o que é a socioeducação exige recorrer à educação social (BISINOTO; et al. 2015, p. 158).

Segundo Gadotti (2012) a educação social condiz com todas outras formas de educação, e é constituída por diversas práticas educativas, que vão desde a educação escolar à educação em prisões, tendo em comum o compromisso social e a construção de um mundo mais possível. Para Bisinoto et al (2012), o conceito de educação social está vinculado ao de exclusão social, com isso, as ações socioeducativas está presente na educação social através de metodologias necessárias para atuar na sociedade a qual está repleta de processos de dominação e exclusão, passando assim “todos os setores da sociedade com o intuito de melhorar as relações humanas e sociais, seu enfoque abrange todas as faixas etárias, desde a infância até a terceira idade.” (TORQUATO et al, 2015, p. 02)

Pinto e Silva (2014) falam que a socioeducação não deveria apenas ser cumprida como medidas para adolescentes, mas que ela deveria fazer parte da formação da criança e do adolescente juntamente da educação formal e profissional de ambos. O termo “socioeducativa”, segundo Fundação Itaú Social (2007, p. 43) está diretamente ligado ao desenvolvimento de habilidades, aos valores éticos, políticos, cognitivos e com o intuito de propiciar a capacidade de acessar informações e desenvolver a convivência em grupos, além de fazer o indivíduo ter uma melhor desenvoltura na participação da vida pública. Essas práticas se estabelecem de acordo com as experiências de vidas e atividades voltadas à educação, a fim de desenvolver a criticidade sobre a realidade vivida.

Podendo compreender assim que a educação é formada por um coletivo, dando significados ao que já conhecemos, e uma troca com o meio a qual vivemos;

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal. (LIBÂNEO, 2001, p. 7).

Permitindo através da educação uma emancipação e transformação de mundo em um trabalho como coletivo, na qual “esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela” (FREIRE, 1987, p. ??) garantindo autonomia para as pessoas transformarem sua visão do mundo. Ainda conforme Freire (1996), a educação é uma forma de intervenção do mundo, pois permite

adquirir um conhecimento tanto do bem como do mal, implicando tanto na reprodução da ideologia dominante, como na desmascaração do mesmo.

Com isso, as atividades socioeducativas, segundo Moura e Zucchetti (2010), são ofertadas com o intuito de ocupar o tempo livres das crianças e dos adolescentes e tem como papel principal atender através de atividades que envolvam temas regionais e que tratem de assuntos referentes à vida daqueles sujeitos, que se encontram em situações de vulnerabilidade, a fim de resgatar e os aproximar da escola, nesses tempos livres.

Naquele período, como atividade extraclasse, crianças e adolescentes eram “atendidos” no turno contrário à da escola e a ênfase do atendimento recaía sobre as necessidades básicas e na prevenção à marginalização. Mais tarde, nomeados de Núcleos Socioeducativos atendiam as resoluções do Estatuto da Criança e do Adolescente tendo a sua importância enfatizada como prática social e educativa, de apoio à escola. (MOURA; ZUCCHETTI, 2010, p.13 e 14)

Segundo Fundação Itaú Social (2007), essas atividades devem ser construídas através de processos vinculados ao sistema escolar, e com isso, possibilitando aprendizagens voltadas para o desenvolvimento social e pessoal de cada indivíduo. Tais conhecimentos complementam as experiências já trazidas do contexto social e familiar. Segundo Silva e Perrude (2013), os programas de assistência social mais conhecidos como “apoio socioeducativo”, são meios que realizam atividades em prol de melhorar a trajetória nas escolas das crianças e dos adolescentes, através de atividades desenvolvidas no contraturno escolar, dando destaque às populações menos privilegiadas, a fim de reduzir a desigualdade social.

Diante a este pensamento sobre as atividades socioeducativas, Silva e Perrude (2013, p. 48), cita a forma que essas atividades estão sendo produzidas e por quem estão sendo realizadas:

Outro ponto a ser observado a respeito é que algumas entidades sejam não-governamentais, sejam governamentais, por meio de seus trabalhos, vêm desenvolvendo, sob diferentes formas, atividades que, além de tirar as crianças e adolescentes das ruas e ocupá-los, visam ao desenvolvimento de potencialidades não trabalhadas com essa faixa-etária no ensino formal -uma vez que não se trata dos objetivos estabelecidos curricularmente-, mas que colabora para a formação das crianças e jovens.

Diante ao que se foi citado anteriormente, podemos compreender que as atividades socioeducativas buscam alcançar crianças e adolescentes que se encontram em situação de

vulnerabilidade, por meio de atividades, buscando desenvolver as potencialidades pessoais, sociais e intelectuais das mesmas. Neste viés, a fundação Itaú social (2007), estabelece alguns critérios para a aprendizagem básica em prol da convivência social a qual se consiste em: Aprender a não agredir o semelhante; aprender a comunicar-se; aprender a decidir em grupo; aprender a se cuidar; aprender a cuidar do lugar em que vivemos; aprender a valorizar o saber social, não pode ser vista como menos importante do que estas (PINTO; SILVA, 2014, p. 147).

É de suma importância compreender as histórias, as culturas, as dificuldades de cada um, a fim de que se torne significativa o desenvolvimento das atividades socioeducativas e a proteção social⁴ dessas crianças e adolescentes que se encontram em situação vulnerável. Faerman e Nascimento (2016, p. ??) destacam que “no âmbito da política nacional de assistência social, a vulnerabilidade particulariza a situação de indivíduos e de grupos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos sociais”.

Essas atividades são relacionadas à educação integral, onde são repassados conhecimentos gerais sem ser de forma padrão, como ocorre nas escolas, buscando incentivar a imaginação, a criatividade, a criticidade, além de buscar apoios psicológicos, lazer, convivência familiar, o prazer de viver em comunidade e despertar o desejo de aprender e buscar novas formas de conhecimentos. Moura (2010) enfatiza a educação enquanto uma prática social que não se limita apenas ao ambiente escolar, mas que quando é posta no âmbito extraescolar ela assume um papel educativo social. Marchewicz (2012), relata que os educadores sociais necessitam ter uma maior preocupação enquanto aos temas que estão sendo ofertados, para que estes façam sentido para os alunos, contemplando assim a necessidade de cada indivíduo.

Dito isto, o socioeducador necessita compreender os fundamentos da socioeducação, ou seja, os fundamentos jurídicos, políticos, sociológicos, étnicos, pedagógicos, filosóficos e históricos, como cita Secretaria Especial dos Direitos Humanos (2006), tendo em vista que, as atividades socioeducativas tem “como objetivo geral de desenvolver ações socioeducativas para discutir temas pertinentes à infância e à adolescência, a fim de formar cidadãos críticos, conscientes e participativos” (SCHCH; MERIGO, 2016, p. 09).

⁴ Proteção social é uma política pública voltada para cidadãos que se encontram fora das redes de segurança, ou seja, que não estão incluídos nos serviços básicos, como saúde, educação e habilitação. Fundação Itaú Social (2007).

5.3 A socioeducação, a educação e o desenvolvimento da consciência crítica

Para se iniciar este tópico, é necessário compreender as contribuições de Lev Vigotski em relação ao processo de ensino-aprendizagem. “A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar” (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2006, p. 109). Dito isto, podemos compreender que a criança chega no ambiente escolar com uma experiência já adquirida, seja de linguagens, de conhecimentos de mundo, de matemática. Essas aprendizagens são adquiridas em contextos familiares, religiosos, sociais e etc. Entende-se então, a escola como um ambiente para ampliar e fundamentar esses conhecimentos, sendo de fundamental importância utilizar os conhecimentos já adquiridos pelas mesmas para dar significado ao processo de ensino-aprendizagem.

É necessário destacar que a educação está além do ambiente escolar, existindo diversas formas de se educar, Torquato *et al* (2015) cita que Paulo Freire propõe uma pedagogia a qual cruze o âmbito social e a educação, destacando assim:

Lei de diretrizes e bases da Educação nacional (LDB), Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, traz em seus temas transversais a necessidade de que a educação se alicerce para além das especialidades ou do conhecimento teórico, valorizando aspectos atitudinais e de convivência. As atitudes são ressaltadas como elementos fundantes das relações comunitárias no bairro, na escola, na família, em qualquer grupo, e pressupõem o desenvolvimento de competências pessoais e de convivência (Fundação Itaú social, 2007, p. 45).

Conforme o que se foi citado anteriormente, destaco assim três formas de educação: a educação formal, a informal e a não formal. De acordo com Gohn (2010), a educação formal se destaca pela normalização e ao espaço escolar, a qual necessita de um currículo e de certos padrões, por outro lado, a educação informal vem se destacar principalmente pela aprendizagem espontânea, identificação de interesses comuns e nas relações intra e extrafamiliar. Para Afonso (2001) apud Silva e Perrude (2013), a educação informal se caracteriza por englobar todas as formas educativas adquiridas durante o percurso da vida de um indivíduo.

Para Gohn (2006, p.2), a educação não formal se:

[...] designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o

trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.

Contudo, essa educação não formal possibilita problematizar e formar sujeitos críticos através de atividades variadas. Essas atividades são realizadas tanto em espaços fechados, como em ONGs, como em projetos sociais e de meios educacionais, como extensões universitárias.

Entretanto, quando ela é acionada em processos sociais desenvolvidos junto a comunidades carentes socioeconomicamente, ela possibilita processos de inclusão social no resgate da riqueza cultural daquelas pessoas, expresso na diversidade de práticas, valores e experiências anteriores (GOHN, 2009, p. 42).

Diante dessas discussões sobre educação, podemos visar que as atividades socioeducativas estão ligadas de forma direta com a educação não formal, fazendo parte de um conjunto de atividades que envolva aprendizagem, de forma complementar e fora do ambiente de ensino formal, ou seja, o ambiente escolar. Segundo Zuchetti e Moura (2010) os termos utilizados para definir essas práticas de educação são muitos, alguns deles são: educação informal, educação não formal, educação não escolar, atividades extra classe, ou apoio socioeducativo.

As atividades socioeducativas permitem trabalhar temas voltados para a saúde, a família, a preservação do meio ambiente, além de permitir trabalhar a autonomia e a independência, a valorização comunitária e a familiar de forma crítica. Um dos maiores benefícios das atividades socioeducativas é a incentivação do trabalho coletivo e do pertencimento ao grupo, para Facci (2010), a coletividade é necessária para o processo de emancipação.

Essas práticas de educação não formal são realizadas no contraturno escolar;

Nessa perspectiva, crianças e jovens têm sido o alvo preferencial nas práticas ofertadas no contraturno da escola onde predominam ações de caráter assistencial como coadjuvantes da educação escolar: alimentação, higiene, recreação, apoio familiar, são intervenções que desenham este cenário (ZUCHETTI, 2007, p. 01).

Tendo em vista que esses projetos se desenvolvem em áreas estigmatizadas e marginalizadas, contendo um índice e uma exposição mais elevada a práticas de violências, a drogas e ao abandono escolar, essas atividades socioeducativas permitem que “projetos atuam na luta de combate ao trabalho infantil” Gohn (2009, p.36), além de permitir uma aproximação da comunidade e aprimorar temas trabalhados nos espaços escolares, como preservação do meio ambiente e dentre outros. Combatendo também a violência sexual, o uso de drogas e principalmente buscando reconduzir as crianças e adolescentes para a escola.

É necessário existir uma formação pedagógica para esses educadores sociais a qual o “egresso insere-se tanto na educação formal quanto na informal, demonstrando, ante as diferenças culturais, solidariedade, criatividade e disponibilidade para a concepção de uma nova prática em educação (MOURA; ZUCHETTI. 2010, p.11)

Pode-se dizer que o espaço escolar é um dos primeiros espaços públicos e sociais que a criança aprende a viver de forma grupal. Fazer um diálogo, principalmente nos primeiros anos escolares sobre a importância dessa convivência é necessário para as crianças desenvolverem em prol de um bem comum. É nesse espaço que as crianças socializam sobre seus conhecimentos, tais adquiridos desde seus primeiros dias de vida. Segundo Saviani (2008), citado por Padovani e Ristum (2013), a escola tem a função de socializar os conhecimentos produzidos pelo ser humano, ou seja, a escola é responsável pelo desenvolvimento humanitário dos indivíduos.

Diante as questões de pobreza e o fracasso escolar, como já citado, a escola é umas das que mais contribuem para essa desistência escolar por falta de preparação e de atividades que contribuem para uma emancipação e um enfrentamento desses preconceitos. Com isso, a escola, que tende a generalizar, homogeneizar os sujeitos, não se preocupam com as diferenças, afastando da escolarização os jovens que apresentam dificuldades, mantendo um círculo contínuo de exclusão” (PADOVANI; RISTUM, 2013, p. 977).

Diante desse processo de exclusão, a implementação de atividades socioeducativas contribui, segundo Gonzalez (2006), para a construção de uma educação voltada para o cotidiano e o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos, permitindo um processo de educação social, levando em consideração os aspectos afetivos, intelectual e coletivo. Possibilitando também desenvolver sentimento de solidariedade, empatia, transformação social e impedir o abandono escolar e os meios que possibilitam esse abandono.

Tendo em vista que a educação acontece de maneira formativa e de desenvolvimento humano, Mariane e Carvalho (2009) tratam a educação como uma forma possível para superar as opressões sociais, que atingem determinados indivíduos, tendo em vista que a educação tem um papel de conscientização. “O desenvolvimento da consciência crítica em relação à história, ao mundo e a si próprio é condição *sine qua non*, para que o ser humano atinja a verdadeira liberdade autônoma” (MARIANI; CARVALHO, 2009, p. 2411).

Portanto, as atividades socioeducativas contribuem no desenvolvimento escolar de forma significativa, no momento que pode evitar a desistência escolar, e possibilita uma maior interação dos alunos por meio do trabalho coletivo e para o desenvolvimento individual, e formação de sujeitos críticos,

As escolas poderiam atribuir as atividades socioeducativas para o desenvolvimento dos indivíduos atribuindo “um elo com a vida diária dos adolescentes, ao inserir diálogos sobre a escola, as relações familiares, os espaços sociais e comunitários e outros conteúdos que visem à socioeducação” (PADOVANI; RISTUM, 2013, p. 979).

Possibilitando assim uma emancipação e um olhar crítico da realidade, podendo transformá-la a partir da educação. “A escola para se tornar o lugar da viabilização da educação emancipadora, precisa criar coragem de olhar para as suas estruturas, concepções e práticas pedagógicas e, mais do que simples olhar, precisa imbuir-se da coragem revolucionária para transformá-la” (MARIANI; CARVALHO, 2009, p. 2412).

Não basta ao homem reconhecer-se como pertencente a um grupo social e adaptar-se a esse grupo, mesmo que suas condições sejam boas ou ruins, é fundamental que se reconheça e se perceba enquanto sujeito no mundo, responsável pelas condições do mundo em que vive, consciente de que pode através de sua ação transformá-lo. (RIBEIRO, 2018, p.17)

Sendo que a “A educação é o principal instrumento para a conscientização e ela permite que os homens tornem-se seres políticos e críticos” (RIBEIRO, 2018, p.19), e é através dela que o homem pode se inserir no mundo e transformá-lo, criando um espaço melhor para que todos possam conviver.

7 MÉTODOS

7.1 Tipo de Pesquisa

A realização da pesquisa será com base no método de pesquisa qualitativa, “serão utilizados como instrumento: observação sistemática e participante e diários de campo” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 258). Tendo como instrumentos necessários para essa pesquisa, sobre infâncias, pobreza, e socioeducação, os métodos utilizados irão partir de uma análise documental, a qual contém fontes importantes para a pesquisa, sendo realizada com base em artigos, livros, revistas e documentos da própria reaPODERE.

Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa se caracteriza por sua possibilidade de envolver os seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes, permitindo o uso da imaginação e da criatividade, pois não se necessita de uma proposta rigorosamente estruturada, tal fato permitirá uma abordagem mais informal com as crianças. Além da pesquisa qualitativa, foi utilizado também a pesquisa descritiva, a qual Triviños (1987, p. 110), escreve que “[...] o estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade”, alguns exemplos desse tipo de pesquisa são: análise documental e estudos de caso. Para Oliveira (2011, p. 23) “[...] o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura”, buscando assim analisar e descrever as características do grupo pesquisado com precisão. Será tomado o cuidado necessário na hora das análises, tendo em vista que as pessoas que serão analisadas são crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade e necessitam de um olhar crítico sobre sua realidade.

A pesquisa também se apropria do método de pesquisa participante, que é uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Esta consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo, na qual o pesquisador se incorpora ao grupo. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 194), ganhando a confiança do grupo necessária para a eficácia da pesquisa.

Para que a aplicação dos métodos seja eficaz é necessário a inserção no campo que a pesquisa será aplicada;

“Buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]” (GOSALVEZ, 2010, p. 67; apud: PIANA, 2009, p.169)

Assim podemos identificar de forma mais abrangente como essas atividades socioeducativas realizadas pela reaPODERE, contribuem no desenvolvimento tanto crítico,

como de certa forma podemos observar como contribuem para seu desenvolvimento pessoal e até mesmo escolar dessas crianças.

7.2 Técnica de Pesquisa

Tomarei como estratégia para a coleta de dados, o uso da observação participante, que segundo Mann (1970) *Apud* Marcony; Lakatos (2003, p. 194); é uma "tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles". Para isso, é necessário uma inserção e uma participação ativa na vida dessas crianças, para que seja possível um melhor diálogo e uma melhor compreensão de suas realidades, assim podendo entender suas dinâmicas.

A técnica da observação participante também permitirá uma observação mais ampla sobre a comunidade, os meios de vida, suas dificuldades e formas de enfrentamentos, tendo em vista que o objetivo principal da pesquisa será atribuído de forma oculta, assim não tomando influência e alterando o resultado final.

Foi realizada a elaboração de diários de campos, que serão analisados conforme as anotações das atividades e as observações da dinâmica da comunidade, da frequência das crianças nas mesmas e suas contribuições sobre informações do espaço escolar.

Para Angrosino (2009), a elaboração dos diários de campo possibilita uma análise aprofundada, podendo identificar através dos mesmos fatores importantes. Sendo registrado nos mesmos comportamentos, falas, gestos, dinâmica, cenário social e comportamentos.

Tais observações e anotações nos diários de campo possibilitará uma melhor análise dos dados, posteriormente. Nos diários é necessário conter as observações da comunidade, as dinâmicas, das falas e do comportamento observado nas crianças, sendo que para um diário de campo ser bem elaborado é preciso:

“Uma explicação do cenário específico (p. ex., escola, lar, igreja, loja); Uma relação dos participantes (número, características gerais, p. ex., idades, gêneros); Descrições dos participantes (feitas da forma objetiva possível; “o homem vestia calças rasgadas e sujas”, não “o homem parecia pobre”); Descrições do cenário físico e de todos os objetos materiais dentro dele (detalhadamente, sem pressupor coisa alguma); Descrições dos comportamentos e interações (evitando interpretações; “o homem

chorava e batia na cabeça com os punhos”, não “o homem parecia descontrolado” – especialmente se não for possível gravar o vídeo); Registros de conversas ou de outras interações verbais (tão verbais quanto possível, especialmente se não for possível ou desejável ligar um gravador)” (ANGROSINO, 2009 p. 59).

Sistematizar o processo de observação participante, com a elaboração de diários de campo, será realizado o acompanhamento da pesquisa, possibilitando uma melhor análise e compreensão da dinâmica das crianças em seu contexto social e escolar.

7.3 Local de realização

A pesquisa foi realizada na comunidade de Estrada Velha, que se localiza em na cidade de Acarape, atrás do campus dos Palmares (UNILAB). Acarape se caracteriza por compor o maciço de Baturité, a mesma se localiza a 71 km de Fortaleza, capital do Ceará, e possui um do campus da UNILAB.

Figura 1: Imagem do território



Fonte: Google Maps, 2021.

A Estrada Velha, é uma comunidade localizada próximo ao centro de Acarape e se encontra atrás do campus dos Palmares, é um dos campos de atuação da reaPODERE, projeto de pesquisa ensino e extensão universitária.

População estimada (2019)	14.929 pessoas
População no último censo (2010)	15.338 pessoas
Densidade demográfica (2010)	98,52 hab/km ²

Código do município	2300150
Gentílico	Acarapense

Dados da cidade de Acarape– CE.

Fonte: site do IBGE <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/acarape/panorama>>

Se caracteriza por ser um local estigmatizado pela própria cidade, principalmente por bairros vizinhos. Existe uma grande falta de saneamento básico, como coleta de lixo, água encanada e falta de luz em diversas casas. A maioria das famílias são sustentadas pelo homem da casa, as mulheres ficam em suas casas cuidando das crianças. Muitas famílias sobrevivem com o programa governamental Bolsa família, tendo em vista, que muitas famílias possuem mais de três crianças. A imagem que a população Acarapense e até mesmo cidades vizinhas têm sobre a localidade, é em relação ao tráfico de drogas, marginalizando assim a comunidade.

“A comunidade mostra-se ser um lugar bastante carente de recursos governamentais e de lazer para os moradores, porém ainda é vista por muitos moradores como um lugar bastante agradável de se viver devido à vizinhança que se ajuda na maioria das vezes e pelo lugar ser calmo.” (DC 30_06_2017).

Apesar das dificuldades encontradas no cotidiano, a comunidade se mantém unida, ou seja, uns ajudam os outros mesmo estando em situações vulneráveis. Com isso podemos perceber que o vínculo comunitário é forte entre os indivíduos da comunidade. As crianças, em sua maior parte, têm irmãos/irmãs, e muitas vezes contribuem para a renda familiar. A imagem a seguir, mostra pessoas da comunidade reunidas para um evento proporcionado pela reaPODERE, o primeiro São João da Estrada Velha, neste evento a comunidade participa ativamente, principalmente as crianças, que estão presentes desde a confecção de bandeirinhas, até na hora de se apresentar.

Figura 2: comunidade reunida para o evento São João da Estrada Velha



Fonte: Acervo reaPODERE, 2019.

7.4 Sujeitos de pesquisa

Essa pesquisa volta-se para investigar prioritariamente crianças, tirando assim o foco de adultos que sempre são os sujeitos pesquisados. A mesma ocorreu com as crianças da comunidade de Estrada Velha-Acarape, que participam das atividades socioeducativas realizadas semanalmente pela reaPODERE, como já referido um grupo de pesquisa, ensino e extensão com vínculo na UNILAB.

Podemos perceber que a comunidade, como já referido, sofre de ausência de políticas públicas, as quais poderiam beneficiar as pessoas da comunidade tanto em aspectos financeiros como psicológicos. Pode-se notar que a comunidade é estigmatizada, principalmente pelos atos de violências que ocorrem na mesma. Considerando uma comunidade periférica, contém a presença de drogas e de uma formação familiar precoce por parte das meninas da comunidade, fazendo assim parte de uma realidade patriarcal. Tais fatos contribuem para a construção de paradigmas e para uma certa exclusão/esquecimento por parte de outros bairros da cidade de Acarape.

Apesar desses estereótipos, a comunidade se mantém como uma família, é notório a união da vizinhança, percebemos isso durante as visitas na comunidade e nos eventos que foram realizados na mesma. As famílias que moram na comunidade, geralmente possuem mais de um filho, e contém familiares próximos como vizinhos, é uma comunidade bastante negligenciada e que não tem seus direitos básicos realizados de forma eficiente, como o abastecimento de água e a coleta de lixo, ocasionando alguns problemas para a saúde comunitária.

As crianças analisadas, correspondem a idade de 2 a 14 anos de idade, tendo como principais pré-requisitos para esta pesquisa, está inserido no ambiente escolar, residir na comunidade de Estrada Velha-Acarape, e participar das atividades socioeducativas. As crianças

da comunidade frequentam diariamente a escola, porém contamos com fatores específicos, como a existência de crianças que não frequentam o ambiente escolar por questões financeiras, muitas delas passam em casas da própria cidade e de cidades vizinhas arrecadando alimentos para o sustento da família. Com isso, dificulta a presença das crianças na escola, ou até mesmo os fazem desistir do ambiente escolar.

Figura 3: Casa onde era realizada as atividades



Fonte:Acervo reaPODERE, 2018.

Algumas crianças possuem características próprias específicas, como liderança, sendo capazes de incentivar e promover ações e mudanças dentro do ambiente em que vivem. A maioria das crianças são bem comunicativas e gostam muito de interagir. As crianças da comunidade, formaram grupos de danças, inicialmente por um grupo de meninas “As afrontosas”, posteriormente os dos meninos “os afrontosos”, os quais se apresentam em eventos na comunidade, se expressando através do ritmo musical Funk que prevalece na comunidade, usando através dessas formas de expressão se criam novas possibilidades de enfrentamentos da realidade.

Podemos compreender que as crianças que possuem essa faixa etária característica da pesquisa, possuem uma compreensão de mundo precocemente, e conseqüentemente, já percebem os impactos negativos da pobreza em seu cotidiano. Essa pobreza pode ter significados e atingir essas crianças de forma direta, atribuindo assim esses impactos no desenvolvimento escolar das mesmas. Dito isto, é necessário se atentar que a comunidade que essas crianças vivem, é estigmatizada e sofre diretamente com os impactos da pobreza. Portanto, compreender as atividades socioeducativas como formas de enfrentamento da realidade e como contribuinte do desenvolvimento escolar, nos permite perceber a importância

do olhar afetivo e do valor dessas atividades para o desenvolvimento tanto individual como coletivo das crianças da comunidade.

Na tabela a seguir podemos observar a quantidade de crianças, suas respectivas idades, e a localidade onde moram, tais crianças que contém na tabela participam das atividades entre o ano de 2018 a 2020.

Figura 4: Tabela das crianças participantes das atividades 2018/2019

Tabela 2018 das crianças que estavam participando

Nome	Idade	Local
Tainara	9	Estrada Velha
Kelly		Estrada Velha
Maria Eduarda		Estrada Velha
Mirela	5	Estrada Velha
Davi		Estrada Velha
Expedito		Estrada Velha
Elisângela		Estrada Velha
Rosângela	14	Estrada Velha
Nyara		Estrada Velha
Karine	9	Estrada Velha
Josué	2	Estrada Velha
Leticia	11	Estrada Velha
Juan (loiro)	10	Estrada Velha
Juan	9	Estrada Velha
Natalia	12	Estrada Velha
Jamile	13	Estrada Velha
Maria Aparecida	13	Estrada Velha
Ana Maria	10	Estrada Velha

Tabela das crianças que estavam participando (2019- 2020)

Nome	Idade	Local
Natalia	13	Estrada Velha
Tainara	8	Estrada Velha
Laura	11	Estrada Velha
Mirela	6	Estrada Velha
Rosângela	15	Estrada Velha
Karine	10	Estrada Velha
Josué	3	Estrada Velha
Jose Wellington	12	Estrada Velha
Maria Eduarda	8	Estrada Velha
Fabiana	14	Estrada Velha
Raquel	5	Estrada Velha
Davi Lucas	2	Estrada Nova
Agatha	3	Estrada Nova
Raquely	9	Estrada Velha
Tatá	3	Estrada Velha

Fonte: Acervo reaPODERE, 2020.

A reaPODERE, realiza as atividades socioeducativas através da extensão semanalmente, no contraturno escolar, além de realizar eventos comunitários como o Natal da família Estrada Velha, que acontece anualmente, permitindo perspectiva positiva e fortalecendo laços comunitários.

7.5 Procedimentos

A observação será realizada através dos métodos pesquisa descritiva, diários de campo e observação participante, como já havia relatado anteriormente. Esse processo será realizado juntamente com os extensionistas da reaPODERE, a qual também faço parte, no total de 4 pessoas/ extensionistas. Destaca-se que era realizado o processo de visitação na comunidade duas vezes por semana em turnos diferentes, sendo uma vez no período da manhã e outra no período da tarde.

Diante do que já se foi mencionado sobre pesquisa participante, é notório que a pesquisadora se insere no campo e na dinâmica da comunidade, a fim de identificar melhor fatores necessários para sua pesquisa. É importante destacar também que busquei se modificar/adaptar conforme a dinâmica das crianças e da comunidade, e não o contrário, assim possibilita uma maior interação entre ambos.

Então, no momento da realização das atividades com os extensionistas junto com as crianças da comunidade de Estrada Velha, foi possível estar junto na realização da mesma, observando de forma atenta a dinâmica ao meu redor. Necessário também destacar a elaboração dos diários de campo a qual contém anotações do observador sobre o campo.

Os diários de campo foram escritos por mim e pelos demais extensionistas, como se é de costume em todas as atividades, e foram analisados após o período da pesquisa de campo, a plataforma que foi utilizada para a escrita dos mesmos é a plataforma Word.

As análises dos diários de campo foram realizadas no intuito de observar comportamentos e reações das crianças e suas reações durante as atividades, além de observar comportamentos da comunidade, falas, gestos e comentários.

7.6 Análise dos diários de campo

É necessário que a análise dos dados seja realizada de forma detalhada, assim atentando-se para os detalhes, sejam eles grandes ou pequenos, as quais encontramos nos diários de campo. “Uma vez manipulados os dados e obtidos os resultados, o passo seguinte é a análise e interpretação dos mesmos, constituindo-se ambas no núcleo central da pesquisa” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 167).

Dito isto, a “Análise e interpretação dos dados” de Creswell (2010), onde nessa “[...] análise dos dados envolve a coleta de dados abertos, baseada em formular questões abertas e

desenvolver uma análise das informações fornecidas pelos participantes” (p.217), assim a podemos analisar da melhor forma os dados adquiridos. Desse modo, através da pesquisa qualitativa, buscarei fragmentos essenciais para a pesquisa, pois através dessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas e/ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomadas em consideração” (GODOY, 1995, p. 23).

Podendo considerar a análise de dados de suma importância, Marconi e Lakatos (2003, p. 168) aborda três níveis essenciais nesse processo e que serão levados em conta na elaboração dessa pesquisa, sendo eles;

1. Planejamento bem elaborado da pesquisa, para facilitar a análise e a interpretação;
2. Complexidade ou simplicidade das hipóteses ou dos problemas, que requerem abordagem adequada, mas diferente; a primeira exige mais tempo, mais esforço, sendo mais difícil sua verificação; na segunda, ocorre o contrário.

Com base, nos níveis da análise fiz uma releitura dos diários de campo e dos dados recolhidos através da pesquisa qualitativa e participante, buscando pontos de referências em ambas e para uma melhor interpretação, fazendo uma reagrupação das informações, buscando compreender melhor a visão dessas crianças sobre as atividades socioeducativas realizadas pela reaPODERE, e o seu desenvolvimento escolar a partir das mesmas.

A análise de conteúdo foi um dos métodos utilizados nesta pesquisa, pois parte de uma análise além dos dados coletados, mas observa questões de subjetividades. Este método é eficaz em leituras de documentos, principalmente quando se trata de assuntos sociais. Segundo Moraes (1999, p. 02);

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Dito isto, a pesquisadora possui uma maior liberdade na análise e na interpretação dos dados, tomando sempre cuidado e direcionando sempre o objetivo principal da pesquisa e sua finalidade, assim buscando uma melhor evolução da pesquisa, relendo sempre as informações obtidas a fim de buscar informações importantes.

7.7 Aspectos éticos

Para a realização da pesquisa, destaca-se que é necessário respeitar os espaços e a singularidade de cada um. Tais aspectos são necessários principalmente pelo fato de estar trabalhando com crianças, assim respeitando a identidade de cada um(a). Tendo em vista que as atividades já estão sendo realizadas semanalmente pela rede, a coleta de dados consequentemente será de mais fácil acesso. Os dados utilizados para análise e elaboração do trabalho serão apenas os que contém as informações mais relevantes para o trabalho final e que não prejudiquem de qualquer forma as crianças tanto em aspectos pessoais, sociais ou escolares.

8 RESULTADOS

8.1 Atuando na comunidade: problemas sociais que afetam as infâncias

Nesta seção com base nos diários de campos elaborados durante as visitas na comunidade antes da pandemia, buscarei destacar quais atividades foram elaboradas e seus objetivos. Também vamos conhecer alguns eventos que se realizaram a partir do contato com a comunidade e por fim, mas não menos importante, conhecer um pouco dos problemas sociais que encontramos na comunidade diante nossas observações e falas dos/as meninos/as e como tais fatores podem fomentar o desenvolvimento de consciência crítica das crianças. É de suma importância relatar que o nome das pessoas foi modificado, para que suas identidades das crianças sejam preservadas.

8.2 Análise das atividades socioeducativas desenvolvidas como promotoras de consciência crítica

Diversos resultados foram alcançados desde o início da formação do grupo de crianças e da implementação das atividades socioeducativas no campo. Trabalhando sempre em prol da comunidade, foram criados vínculos afetivos entre os extensionistas e os/as moradores/as da Estrada Velha, proporcionando uma comunicação flexível/possível entre a comunidade e a universidade. “Nesse sentido, a reaPODERE como extensão tenta proporcionar a essas crianças intervenções socioeducativas com foco no sentido de comunidade e de grupo, visando criar movimentos de resistências às adversidades nessas crianças” (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018, p. 437).

Figura 5: Entrada da comunidade, onde a rede realizava suas atividades.



Fonte: Acervo reaPODERE, 2018.

Diante a isto, as atividades socioeducativas são realizadas semanalmente conforme a disponibilidades dos extensionistas, e no contra turno escolar das crianças. As participantes das oficinas são crianças entre 02 a 14 anos de idade, que se encontram em situações de vulnerabilidade social, às permitindo desenvolver o sentido de cooperativismo, como observado ao longo das atividades, o qual beneficia tanto as crianças da própria comunidade, como de comunidades vizinhas.

As atividades socioeducativas visam aprendizados voltados para aprender a conviver e partilhar, a cooperar, a competir, a liderar, a ganhar ou/e perder, atividades lúdicas que trabalham a concentração, a imaginação e a criatividade das crianças, principalmente formar indivíduos dispostos a mudar a realidade a qual se inserem. Trabalhando temas como: identidade, família, cooperação, entre outros. Pode-se perceber um avanço das crianças enquanto a debates de questões sociais, raciais e educacionais, as quais considero benéficas para seu desenvolvimento social e pessoal.

Assim, as crianças são instigadas pelos extensionistas a refletirem sobre o aprendizado adquirido, com a finalidade de fazer com que elas extraiam o “porquê” e o “para quê” das atividades em exercício. Também buscamos trabalhar princípios de pertencimento e comunidade, valores sociais e culturais baseados no respeito que possibilitam a quebra de estigmas e preconceitos pela situação de pobreza a qual vivem. É nesse sentido que procuramos viabilizar as potencialidades dentro do grupo de crianças. (MOURA JUNIOR; LIMA; FERREIRA, 2018, p.439)

As atividades proporcionam tanto um aprendizado social, psíquico, como físico. Para Silva e Júnior (2011, p. 43) “Em relação às crianças, a atividade física desempenha papel fundamental sobre a condição física, psicológica e mental”, também proporciona a prevenção de doenças futuras, melhorando também a sensação de bem estar entre as mesmas. Diante a isto, buscamos:

“[...] trabalhar o corpo por meio de alongamento, relaxamento e movimentos corporais com músicas. Foi perguntado se elas tinham aula de educação física. O intuito era fazer uma pequena reflexão sobre a importância do alongamento antes de se praticar atividades que exigem condicionamento físico” (DC, 05_09_2018).

Após trabalhar o corpo, suas variáveis e a importância de mantê-lo saudável, foram realizadas oficinas de capoeira e balé, ambas ministradas por parcerias que estiveram junto aos integrantes da rede. A oficina de balé foi realizada no período da manhã e de capoeira no período da tarde, ambas trabalharam o corpo e a mente das crianças, mas como previsto, a capoeira foi melhor acolhida pelos meninos e o balé pelas meninas.

A capoeira é uma atividade a qual permite trabalhar a música, a ancestralidade, o corpo e os instrumentos. Segundo Capoeira (2006), a capoeira permite uma aproximação entre o grupo, dito isto, podemos destacar também que a capoeira permite trabalhar a cultura, além do corpo e da mente, de forma que é possível combater preconceitos e conversar sobre temas como valores e o respeito, além de fazer parte da cultura negra.

“Houve um interesse muito forte das crianças pela atividade, muito participativas o tempo inteiro querendo pegar nos instrumentos querendo tocar, (...) abrindo para novas possibilidades de intervenção envolvendo a música” (DC, 06_02_2019). A música é bem predominante na comunidade de Estrada Velha, então atividades relacionadas à mesma são bem acolhidas pelas crianças. Quando se fala em música, é necessário destacar que o gênero musical funk predomina na comunidade, especialmente entre as crianças, assim se torna uma ferramenta de enfrentamento e resistência, além da busca por suas vozes serem ouvidas. Segundo DAYRELL (2002, p. 131), os jovens aderem ao funk através da condição juvenil e as condições a qual se deparam, com isso eles aderem de forma mais fácil ao gosto de ser MC, atraídos pela dança e a influência da mídia.

As atividades relacionadas à identidade são frequentes e possuem resultados bem positivos entre as crianças participantes das atividades, permitindo-as criar relações de respeito e desconstruir preconceitos entre elas e em relação a outras pessoas. Em uma das primeiras

atividades do ano de 2018, trabalhamos o respeito ao próximo e buscamos identificar através de desenhos os conceitos que as crianças tinham sobre o que seria uma criança feia.

“Pedimos a elas que desenhassem uma menina com todas as características que elas achavam que poderiam significar uma menina feia, porém elas preferiram desenhar livremente bonecas tristes, sendo xingadas por outras bonecas, com diálogos que representavam o bullying sofrido por uma criança” (DC, 18_09_2018).

Através dessa atividade percebemos que o conceito de *bullying* já era de conhecimento de algumas crianças, assim buscamos meios de aprofundar no assunto elaborando novas atividades que trata sobre o assunto para combater tais problemas, que segundo Lopes (2005), “as consequências podem ser depressão, angústia, baixa autoestima, estresse, absentismo ou evasão escolar.” Falar sobre o assunto e trabalhar o mesmo fazem com que as crianças que estão passando por situações parecidas se identifiquem e busquem ajuda mesmo depois das atividades.

Continuando no tema de identidade, buscamos incentivar e ensinar as crianças a se amarem e amar o próximo independente das características físicas, podendo perceber assim que “a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto do corpo e da consciência com o mundo” (MAHEIRIE, 2002, p. 35), levando-as a formar um pensamento crítico e livres de preconceitos e estereótipos.

Por meios das atividades socioeducativas, buscamos desconstruir alguns pensamentos como o que se encontra na fala de algumas crianças:

“A Rosa falou que achava cabelo cacheado bonito, porém não gostava do dela, pois era ruim de pentear e não era igual aos cabelos das estudantes da Unilab. Taís também falou que gostava do cabelo dela e com isso tentamos fazer uma reflexão acerca do amor próprio, de gostar de você como é, e sobre a questão da beleza do cabelo cacheado” (DC: 20_11_2019).

Trabalhar acerca do amor próprio e principalmente sobre o racismo com essas crianças às permite adquirir um novo olhar sobre si, fazendo-as principalmente as meninas saberem identificar comportamentos abusivos futuramente, além de não se sentirem inferior em relação a outras pessoas. É importante trabalhar a identidade a partir da compreensão de que “a criança inicia o desenvolvimento da sua identidade através da interação que mantém com o meio em que vive, sendo que essa construção poderá apresentar características diversas em razão das diferenças culturais” (PAIVA, 2010, p. 93), assim essa atividade proporcionou uma reflexão

sobre si e sobre o outro. Desconstruir esse olhar que as crianças têm delas mesmas é muito importante para o desenvolvimento pessoal.

Outro elemento acerca da temática de identidade, foi a realização de uma oficina juntamente com estudantes do curso de pedagogia da UNILAB, tendo em vista que “A oficina é uma forma de trabalho em grupo que visa promover um espaço de fala, troca e ação entre os participantes e os facilitadores (...) podem dar suas opiniões e criar conjuntamente soluções para os problemas que os afetam” (PÉREZ; JARDIM, 2013, p. 05), a oficina se relacionava a confecção de bonecas Abayomi, promovendo conhecimentos da identidade do povo negro e desconstruindo preconceitos impostas pela mídia e que não representam a identidade de todas as pessoas.

Abayomis são bonecas negras produzidas com materiais reaproveitados, como tecidos e malhas. Sua técnica de confecção consiste na amarração de tecidos com nós e/ou tranças sem uso de cola, costura ou qualquer estrutura rígida interna (madeira arame, etc.). Nas indumentárias as fitas, bordados, restos de bijuterias e miudezas, garantem o requinte do acabamento. A boneca não possui demarcação de olho, nariz, nem boca, a fim de favorecer o reconhecimento da identidade das múltiplas etnias africanas. (OLIVEIRA, 2016, P. 04)

Diante da realidade que essas crianças estão inseridas é necessário ouvi-las, assim podemos compreender melhor seus sentimentos, buscando sempre proporcionar momentos de reflexões e de construção crítica. Com isso, resolvemos trabalhar com fanzine, a qual se caracteriza “como uma mídia alternativa que já foi muito utilizada por jovens que queriam expor suas opiniões e não encontravam espaço nos veículos tradicionais” (FERREIRA, 2012, p. ??). A atividade de construção de fanzine inicialmente voltava-se em elaborar uma história com personagens, assim incentivando a criatividade e a imaginação das crianças, porém esse momento de produção transformou-se em um espaço onde as crianças expressaram seus sentimentos uns pelos outros, pelos extensionistas e suas indagações sobre a vida, como podemos observar no depoimento de um extensionista que conduzia a atividade;

“Percebo a atividade do fanzine uma possibilidade interessante para fazermos novamente aprofundando ainda mais especificamente as maiores, que visivelmente utilizam desse meio para expressar seus sentimentos assim como indignações, como elas queriam e desejavam que fosse suas vidas, como uma ferramenta política de criticar e trazer seus interesses à tona” (DOC; 15_01_2019).

Outros resultados dessas ações, foi a criação do grupo de dança das meninas nomeado “As Afrontosas” e posteriormente o grupo dos meninos denominado como “Os afrontosos”, no

qual traz a partir da dança e do funk formas de enfrentamentos e de representações culturais e sociais do meio em que vivem, às/os permitindo criar uma nova concepção e ressignificação do espaço em que vive. Pontua-se que a partir dessa extensão já se foi realizado eventos comunitários como o Natal da Família Estrada Velha, que já se caracteriza por sua terceira realização em 2019, e o I Arraiá da Estrada Velha, e a I festa das crianças a qual foi realizada no próprio espaço da universidade, mais uma vez como propósito de fortalecer o vínculo entre a universidade e a comunidade. Segundo Moura Jr; Lima e Ferreira (2018), O trabalho da extensão se caracteriza por ultrapassar os muros universitários, as tornando um símbolo de resistência contra as assimetrias sociais que estão presentes no cotidiano dessas crianças, através de práticas reflexivas, educativas e críticas.

Figura 6: Apresentação das afrontosas



Fonte: Acervo reaPODERE, 2019.

Figura 7: Evento Natal da família Estrada Velha.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2017.

Para Paulo Freire, nossa existência no mundo não pode se dar através do silêncio, devemos agir de forma correta, de maneira reflexiva, assim sendo, ele cita que “O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novos pronunciamentos. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.90), e esse é o que a extensão leva para as crianças através das atividades, uma busca reflexiva, que incentivem adquirir um novo olhar sobre o mundo e sejam capazes de modificá-lo.

Assim, nota-se a partir desta escrita a relevância das atividades desenvolvidas em prol da consciência crítica em crianças em situações de vulnerabilidade social, a busca constante pela mudança, e pelo questionamento de suas realidades. Ribeiro (2018, p. 17) traz uma reflexão que, segundo Freire, a importância do trabalho do homem não depende somente de um trabalho físico, mas reflexivo para transformar suas ações. Este é o que as oficinas socioeducativas proporcionam, uma reflexão sobre a realidade em prol de uma ação crítica reflexiva, e uma mudança na realidade.

8.3 Impacto da pobreza nas crianças

É necessário também relatar algumas problemáticas sociais que, conseqüentemente, estão vinculadas à questão da pobreza e da realidade das crianças. Percebe-se que tais situações afetam diretamente no desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes da comunidade, o que os fazem por diversas vezes ocupar um papel de adulto, deixando de participar das atividades levadas por nós e até mesmo parar de frequentar o ambiente escolar, como já presenciei crianças deixando de ir brincar para ficar cuidando da irmã/irmão mais novo/a. Assim, percebe-se que “Em conjunto, a desigualdade, a exclusão e a condição de pobreza repercutem na violação dos direitos da infância à família, à convivência comunitária e à Educação, impedindo a frequência e o sucesso escolar, entre tantos outros direitos” (EYNG; CARDOSO, 2020, p.1108).

Um dos fatores que mais chama atenção, se relaciona ao medo que as crianças sentem ao ver a polícia, assim percebe-se que algo que naturalmente é visto como um suporte de segurança, para muitos, principalmente para essas pessoas que vivem à margem da sociedade, se torna algo violento e que irradia medo até nos/nas mais novos/as. Relato que em uma de nossas visitas à comunidade, a polícia entrou no local, fazendo com que as crianças ficassem agitadas e com bastante medo, segue o relato de uma das extensionistas;

Um aspecto que observei foi o semblante de medo e pavor que a polícia representa naquela comunidade, que a mesma não vai lá para proteger ninguém, ela representa perigo, perigo esses que fica estampado nas expressões daquelas crianças de 2, 3, 4 até 13 anos de idade. Concluímos a atividade que tínhamos nos planejado em fazer, mas ficou aquele clima pesadíssimo, mesmo depois de retornar para a unilab permaneci com aquele sentimento e o rosto de pavor das crianças na mente, suas expressões de medo, a criança chorando que se tremia nos meus braços, foi certamente a atividade na comunidade que mais me impactou. (DOC; 11_12_2018)

Pode-se observar também em outro momento do ano seguinte, mais um relato enquanto ao medo da polícia, nos fazendo questionar qual abordagem as mesmas utilizam dentro da comunidade que deixam essas crianças tão apavoradas, com o medo de apanhar, e se sentindo no dever de proteger algum conhecido, conseqüentemente, os impedindo muitas vezes de exercer seus direitos a uma infância saudável e seus deveres enquanto brincar e ser livre. Assim sendo, podemos perceber que “O mundo da infância aparece invadido pela morte, pela injustiça (ou o mesmo é dizer, pela ausência ou ineficácia da justiça), pela doença, pelo desconforto, pelo abandono e pela violência.” (SARMENTO, 2002, p.267)

Em um dos intervalos entre as atividades fiquei conversando com Douglas sobre o que faziam para se divertir, ele falou que gostava de ir para a pista nova levantar pneu de bicicleta, falando que na última quinta-feira quando estava lá ele e seus amigos, quando avistaram uma viatura da polícia, ficaram com medo que a polícia fizesse alguma coisa com eles, mas a viatura passou direto e parou perto de uns caçambeiros que estavam próximos, queriam informações sobre um homem que estava fugindo. Douglas falou que a sorte que esses homens estavam lá por que não poderiam ter pego eles e batido nos mesmos atrás de algumas informações, o que o mesmo já disse que não iria falar nada para eles, mesmo que soubesse de algo (DOC; 29_03_2019).

Observa-se que a violência em suas diversas dimensões não afeta essas infâncias somente dentro de sua comunidade, ela se reflete em outros meios frequentados pelas mesmas, como a escola.

Os riscos e as violências identificadas nos cotidianos infantis têm origem em fatores macro e microssociais interdependentes, advindos e reforçados nos âmbitos econômico e político, que se manifestam na desigualdade e exclusão, incidindo na caracterização da pobreza infantil multidimensional. (EYNG; CARDOSO, 2020, p.1104)

Podemos perceber no relato seguinte, na fala de uma das crianças que a violência se encontra presente dentro dos espaços escolares, visto como uma forma de defesa pessoal ou grupal. Nesta fala, podemos pensar na necessidade que essas crianças desenvolvem quanto ao se proteger, ação que se desenvolve através da insegurança, da violência e da invisibilidade que elas sentem enquanto estarem inseridas em um meio “invisível” diante a sociedade e do poder público. Enquanto o órgão que era para lhes proteger de tais violências se torna um dos principais agressores.

Durante a conversa, as mesmas também relataram que iam para a escola sozinhas “juntava a tropa e iam tudo junto”, a mais velha é Joana, de 11 anos. Na escola também é um cotidiano um pouco violento, segundo elas “as meninas bem pequenininha são tudo valente, tia” “As meninas mete a peia nas outras, perto do bebedouro”. Relatou ainda Ana: “A gente faz pular o muro, tia. A escola é puro cachorro morto. Tem um esgoto bem pertinho que é podre, aí amanhã vão derrubar o muro e construir outro pra ver se melhora”. (DOC; 06_12_2017)

Observa-se também pela fala dessa criança que a escola não é um ambiente agradável para se estar, o mal cheiro presente nesse espaço dificulta a presença dos/as alunos/as naquele espaço. É de conhecimento que se a escola não for um local atrativo, seguro e que os conteúdos não tenham significado para as crianças, as mesmas não vão querer estar lá, às levando a faltar aula e até mesmo fugir da escola, como se percebe na citação anterior.

A violação do direito à Educação vai da falta de acesso, dificuldades de permanência, resultados insuficientes até propostas e práticas hegemônicas e autoritárias, sobretudo, em contextos de extrema pobreza, que agudizam os fatores de risco de violências, afetando a constituição identitária (EYNG; CARDOSO, p.1104, 2020)

Todavia, não somente a violência policial foi presenciada a partir das falas desses indivíduos. Mas também outras formas de violência, no relato a seguir uma das crianças cita um estuprador morando na comunidade. Podemos observar que além daquelas crianças se encontrarem em um perigo constante com a presença do mesmo, as crianças de certa forma são privados de suas infâncias a partir do momento que são privados de brincar e se divertir com seus/suas colegas, além de se preocuparem com assuntos que não deveriam fazer parte da infância de qualquer sujeito.

Essa mesma criança, a Luana, também falou que “A mãe da Marta também não deixa ela sair de casa, porque tem um estuprador que mora vizinho a casa dela, mora na casa do tio dela”. Eu questionei, não sei se de maneira correta, se Luana sabia o que era um estuprador “E o que é um estuprador, Thaynara” ela respondeu “É um homem que pega as crianças, tia” (DOC; 09_11_2017).

Outro problema social que afetam as infâncias, quanto ao desenvolvimento social, pessoal e educacional é a falta de recursos para a compra dos materiais didáticos, fardas, vestimentas adequadas entre outros, que afetam principalmente essas famílias que se encontram em situações de vulnerabilidade social. Diante a análise dos diários de campo observou esse fator em dois momentos e anos diferentes, afetando a mesma criança.

Primeiro momento:

(...) entretanto uma das crianças, que tem 6 anos, (...) mencionou que ainda não estuda e eu perguntei o motivo, elas não responderam, mas as outras crianças responderam que era porque a mãe dela não tinha dinheiro para comprar material para ela poder ir à escola... (DOC; 09_11_2017)

Segundo momento:

Ao chegarmos à comunidade, logo vimos a Marta, achamos estranho porque a Marta estava lá naquele horário, e sabemos que ela estuda pela manhã. E

perguntamos porque ela não foi para a aula. Ela nos respondeu que não foi para aula porque não tinha chinelo, pois a mãe dela vendeu o chinelo dela, pelo menos foi o que ela nos respondeu. (DOC; 04_09_2018)

Tais relatos, nos deixam bastante reflexivos sobre determinadas situações que essas crianças e adolescentes tendem a passar, são situações que muitas das vezes levam a uma desistência escolar, seja por não ter dinheiro para materiais, seja por ter que ajudar em casa, trabalhar ou até mesmo sair de suas casas para pedir alimentos nas cidades e comunidades vizinhas, como já foi presenciado por diversos extensionistas.

Buscando levar atividades diferente para despertar o interesse das crianças pelas atividades, realizamos atividades de balé, em um desses momentos,

Kercya iniciou as atividades fazendo alongamentos e movimentos de aquecimentos, aplicando uma série de movimentos que assim serviram para alongar determinadas partes do corpo, no momento da atividade quando já tinha sido iniciada, uma das crianças chegou para participar a mesma estava com um bebê o que limitava a mesma de fazer os exercícios, alguns dos extensionistas tentaram seguram o mesmo, no entanto ele estranhava e só queria a sua irmã, assim permaneceu durante toda a atividade. (DOC; 12_02_2019)

O sentimento de exclusão e a falta de perspectivas futuras é muito perceptível nessas crianças, o sentimento de não pertencer a universidade, a encarar como algo distante de suas realidades, mesmo que em termos geográficos seja algo vizinho, é assombroso. Um dos relatos encontrado nos diários de campo foi o seguinte:

De novo falou também de seu interesse em visitar o campus dos Palmares. Mas ao se referenciar ao campus das Auroras se mostrou totalmente desmotivada, pois no dia da inauguração do prédio, a qual iria fazer uma performance de funk com as amigas, fora expulsa pelos guardas do local (DOC; 26_10_2017)

A partir do momento que percebemos que essas crianças se sentiam excluídas e levavam consigo um sentimento de não pertencimento desses espaços, passamos a conversar e a trabalhar em prol de uma mudança, mudança essa que tinha como objetivo modificar a visão das mesmas em relação a não poder ocupar alguns espaços. Incentivá-las a romper com estigmas e preconceitos que faziam parte do seu cotidiano e que muitas vezes atrapalhavam a viver suas infâncias como elas tinham direitos. Incentivando-as a criticar, ter desejo de mudança e desconstruir estereótipos já enraizados. Assim, são apresentadas as atividades socioeducativas.

8.4 A comunidade de Estrada Velha, suas privações e os estigmas que a cercam

Figura 8: Frase no muro da comunidade



Fonte: Acervo reaPODERE, 2018

Nesta seção, vamos aprofundar nos estigmas que cercam a comunidade de Estrada Velha a partir de uma análise das falas de moradores da comunidade e extensionistas que atuam no território. Iniciei este tópico com uma imagem de um muro da comunidade a qual cita “Todos pensam que somos uma quadrilha, mas na verdade somos uma família”, assim compreendemos o quanto o estigma de violência está presente na mesma. No diário de campo também encontramos um relato sobre o assunto, a qual cita: “a comunidade era vista como um lugar perigoso na maioria das vezes e que principalmente era um lugar esquecido” (DC, 17_05_2017). Essa é a visão que os moradores de bairros vizinhos têm sobre aquele território.

Ao chegar no território, percebemos que os indivíduos ali inseridos acabam sofrendo também com as problemáticas sociais causadas pela falta de políticas públicas como segurança, falta de uma educação de qualidade, saúde de qualidade, etc. Visto que Moura Jr. et al. (2014), cita que a pobreza a qual citamos vai além da falta do capital, mas que está ligada a diversos fatores sociais, psicológicos, opressores, privativos, etc.

Chegando a Estrada Velha, você se depara com o esquecimento do poder público para aquele local, desde a estrada de terra que dá acesso a comunidade, até a própria comunidade, em que o saneamento é precário. Sendo um espaço geográfico médio, tornou-se local de habitação de várias famílias carentes, porém essa realidade não poderia nos abalar enquanto entrevistadores. Mesmo tendo a consciência que aquele

local é alvo de vários pré-conceitos, e que seus habitantes já são todos estereotipados, fomos, por muitas vezes, bem recebidos, principalmente pelas mulheres e crianças, fazendo com que a visão preconceituosa se dissipar (DC, 13_08_2017)

O saneamento básico é um dos problemas que mais afeta o local, em tempos chuvosos as ruas se tornam enlameadas e dificultam a passagem em diversas partes, a coleta de lixo não se estabelece em dias certos e a comunidade por diversas vezes acaba acumulando o lixo em terrenos vazios ou até mesmo no meio da rua. A falta de água e de energia é uma realidade constante nas casas o que faz com que aquelas famílias vivam com o mínimo de condições de vida. Diante a isto, “o que se pode observar é uma comunidade mais afastada do centro da cidade com problemas da falta de saneamento, parece menos cuidada pelo poder público.” (DC, 26_05_2017) e que por causa da invisibilidade que existe naquele território “enfrentam e sofrem de maneira mais significativa problemas como: a falta de saneamento básico, estruturas de casas (se chover, já era), drogas, como o álcool e outras ilícitas. A segurança que não há e a falta de asfalto na estrada.” (DC, 13_08_2017).

Tais estigmas vinculados à pobreza trazem uma série de consequências para os sujeitos ali inseridos, afetando principalmente as crianças que crescem com sentimentos de exclusão e invisibilidade, vertentes do preconceito existente. “preconceito étnico, entendido como uma antipatia baseada numa generalização falha e inflexível, que pode ser sentida ou expressa e que se dirige a todo um grupo ou a um indivíduo porque este faz parte do grupo” (LIMA, 2020, p. 19).

Relataram que sentem-se desprezadas e abandonadas, em que os políticos só aparecem em épocas de eleição e só fazem promessas. Relatou que é muito difícil a vida, pois são muitas famílias carentes, problemas com a alimentação onde falta o que comer. Relatou que as coisas só "funcionam" para quem já tem condições e que moram no centro da cidade, mas que para as pessoas que moram ali, essa assistência não chegava até eles (DC- 17_05_2017).

Sentimento esse de invisibilidade que podemos encontrar os moradores relatando em diferentes momentos, eles se sentem, “Os moradores percebem que é como se eles não existissem” (DC, 02_06_2017), principalmente quando se trata do poder público "reforçam que mesmo em tempo de eleição é comum esquecerem a comunidade” (DC, 10_09_2020), “As pessoas sentem que são esquecidas pelo poder público de Acarape” (DC, 02_06_2017).

Além do sentimento de invisibilidade que essas pessoas sentem, outros também são percebidos ao longo de seus relatos, um deles se caracteriza pelo sentimento de humilhação, principalmente quando procuram órgãos públicos.

Em uma das entrevistas feitas pela extensionista Raquel, especificamente na pergunta “você se sente humilhado (a)?”, foi notado que a entrevistada olhou para o marido e balançou a cabeça em sinal de positivo, movimento rápido para ele não notar. Essa mulher já era vista pela rede como alguém tímida e calada, não participava muito das atividades na comunidade. A própria mesmo disse que não era ouvida no local, que já foi e é humilhada no CRAS e que não vê muito futuro para ela na comunidade. (DC, 23_03_2018).

Tal sentimento de humilhação ainda perpetua sobre esses indivíduos. Ao ler o relato seguinte, percebemos que mesmo diante a um momento pandêmico as pessoas ainda se sentem humilhadas diante a busca pelo atendimento nesses espaços, principalmente pelo CRAS da cidade, que é mencionado nos relatos apresentados e em outros momentos de conversa com os moradores da comunidade. No período de pandemia, foi um dos momentos que esses sujeitos vulneráveis precisavam de uma maior ajuda por parte desses dispositivos públicos e o atendimento humanizado seria de total necessidade, porém o que percebemos é a falta de preparo e profissionalismo desses atendentes para lidar com as realidades dessas pessoas.

Quando falamos sobre a procura aos serviços públicos durante a pandemia, vimos que a maioria procurou o posto de saúde. Já que, como relataram, quando foi dado a sugestão de procurar o CRAS para fazer o cadastro para o recebimento de cestas básicas, elas não acreditam no serviço prestado. Em como outra mulher relatou, ela já procurou esse serviço, no entanto, foi destrutada. Assim como ela presenciou outras duas mulheres, procurando ajuda, já que estava com problema no bolsa família, também serem destrutadas pelos profissionais que trabalham nesse setor. (DC, 10_09_2020)

Na busca por superar os preconceitos, estigmas e sentimentos negativos encontrados na comunidade e nas falas de seus moradores, pensamos em realizar eventos na comunidade. Ao comunicar os/as moradores/as, “a grande maioria também preferiu que o evento acontecesse lá mesmo dentro da comunidade, pois “aqui não tem nada, ia trazer alegria pra comunidade”. (DC, 23_11_2017), sugerindo os seguintes temas para o evento proposto “Queremos paz”, “Paz e amor na Estrada Velha”, “Grandes conquistas na Estrada Velha” ou “Qualquer nome que carregue o nome da nossa favela, o resto a gente deixa com vocês” (DC, 23_11_2017).

Outro ponto importante a ser mencionado na superação desses estigmas é a união existente entre esses sujeitos e o sentimento de pertencimento à comunidade, como podemos observar a seguir: “Porém logo ela falou logo dos pontos positivos dentre os quais que a comunidade era bastante unida, que não havia muitos conflitos, ainda completou dizendo que amava o lugar onde morava e que não sairia mais de lá” (DC, 17_05_2017).

Fazer um parágrafo de conclusão e finalização.

9 CONCLUSÕES

A pobreza afeta as infâncias de diversas formas, e como percebemos nesta escrita, ela traz diversos resultados negativos quanto ao desenvolvimento das crianças, o que as trazem consequências, tais como o envolvimento com o crime, abandono escolar, fome, não ter expectativas futuras e não aproveitar a infância da forma correta.

A fim de amenizar os efeitos dessas consequências geradas pela pobreza, nas crianças principalmente, a reaPODERE se mantém firme em realizar atividades socioeducativas na comunidade, com o intuito de fazer com que as crianças participantes conheçam uns aos outros, a si mesmo, a comunidade, e principalmente desenvolvam um olhar mais atento ao futuro.

É necessário um olhar mais atencioso, afetivo e compreensivo quando se trabalha com crianças que se encontram nessas situações. É importante compreender suas necessidades, suas dificuldades, suas lutas, seus modos de vida e de comportamentos, para assim não agir de forma descuidada e prejudicial. Com isso, as atividades devem ser realizadas com cuidado, atenção e amor, além de serem pensadas de forma que contribua para o desenvolvimento delas social e individual.

Romper as barreiras sociais é de suma importância, fazer com que esses(as) meninos e meninas enxerguem um futuro melhor, ter expectativas e sonhos. O nosso papel é facilitar possibilidades para que eles consigam compreender suas realidades, e buscar formas de modificá-las.

A reaPODERE ocupa um papel bastante significativo dentro da comunidade de Estrada Velha e principalmente na vida das crianças que fazem parte desse projeto. Ao oferecer tais atividades e eventos ela gera um movimento dentro da comunidade, despertando não somente um sentimento de visibilidade, mas de afeto, de um novo olhar sobre o mundo e busca por

mudanças. Além de sempre estar buscando novas ferramentas para levar para comunidade, a fim de fazê-la pensar e repensar seu papel social.

10 REFERÊNCIAS

BISINOTO, Cynthia *et al.* **Socioeducação: origem, significado e implicações para o atendimento socioeducativo.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 20, n. 4, p.575-585, out./dez. 2015. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/28456/pdf>

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira, o pequeno manual do jogador.** São Paulo, Ground, 8ª edição revisada e atualizada, Rio de Janeiro, Record, 2006.

CIDADE, Elívia Camurça *et al.* (2012). **Implicações psicológicas da vida em condições de pobreza para o povo latino-americano.** *Psicologia & Argumento*, 30(68), 87-98.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002

DUARTE, Natália. **Política social: um estudo sobre educação e pobreza.** Brasília, 2012.

EYNG, A.M; CARDOSO, J.C. **Direitos da infância em contextos de necessidades humanitárias: fatores de risco e demandas educativas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.109, p. 1098-1120, out./dez. 2020.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **A escola é para poucos? A positividade da escola no desenvolvimento psicológico dos alunos em uma visão vygotskyana.** *Psicologia Política*, v. 10, n. 20, p. 297-310, 2010.

FERNANDES, Mônica Abranches. **Trabalho Comunitário: uma metodologia para ação coletiva e educativa da extensão universitária em comunidades.** (Org.). *Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES).* Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2011

FERREIRA, Jeanne Gomes. **A Utilização do Fanzine no Processo de Comunicação Participativa.** *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife - PE – 14 a 16/06/2012*

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 28.ed.São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido.** 17^a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.** Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico, 18 (1), 10-32. 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010. 104 p.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009

GONZALEZ, Alberto Brusa. **Experiências socioeducativas bem-sucedidas: subsídios para a discussão de políticas públicas nas unidades de internação socioeducativas (UISE).** In: ILANUD et al. (Orgs.). Justiça, adolescente e ato infracional. São Paulo: ILANUD, 2006.

LOPES, Neto AA. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. J Pediatr (Rio J). 2005;81(5 Supl):S164- S172.

LIBÂNEO, J. C. (2001). Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. Educar, 17, 153-176.

LIMA, M.A.D; ALMEIDA, M.C.P; LIMA C.C. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem.** R, gaúcha Enferm, Porto Alegre, v.20, n. esp., p.130-142, 1999.

LIMA, T.C.S; MIOTO, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

LIMA, M.G.O. Psicologia social do preconceito e do racismo. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARIANI, Fábio; CARVALHO, A.L. **A formação de professores na perspectiva da educação emancipadora de Paulo Freire**. IX congresso nacional de educação- EDUCERE. III encontro sul brasileiro de psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009- PUCPR

MARCHEWICZ, Bernadete Fernandes. **atividades socioeducativas para crianças e adolescentes através de oficinas**. Medianeira, 2013.

MAHEIRIE, K. **Construção do sujeito, subjetividade e identidade**. INTERAÇÕES. vol, VII. n° 13, p . 31-44. jan- jun 2002.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA JUNIOR, J. F; LIMA, A. A. de S; FERREIRA, F. G. S. Infâncias em situação de pobreza: relatos de experiências interseccionais da extensão universitária na Estrada Velha Acarape/CE. In: SILVA, G. C e; OLIVEIRA, E. R. **Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas** (org.). Fortaleza: Imprece, 2018. p. 434- 448.

MOURA, Eliana P.G; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. **Práticas socioeducativas e formação de educadores: novos desafios no campo social**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 66, p. 9-28, jan./mar. 2010.

OLIVEIRA, Fernanda Soares de. **Amarrando tecidos e desatando preconceitos: bonecas abayomi como estratégia de ensino-aprendizagem da história e cultura africana**. VII encontro estadual de história. ANPUH Bahia, Feira de Santana, 2016.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. - Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il.

OLIVEIRA, P.C; CARVALHO, P. **A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire**. Paidéia, 2007, 17(37), 219-230.

PAIVA, Núbia Silvia Guimarães. **A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico cultural**. Olhares & Trilhas Uberlândia, Ano XI, n.11, p. 85-96, 2010.

PADOVANI, A.S; RISTUM. M. **A escola como caminho socioeducativo para adolescentes privados de liberdade**. Educ. Pesquisa., São Paulo, v. 39, n. 4, p. 969-984, out./dez. 2013.

Parâmetros socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens : Igualdade como direito, diferença como riqueza : Caderno 1 : Síntese / CENPEC – São Paulo SMADS ; CENPEC ; Fundação Itaú Social, 2007.

Parâmetros socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens: Igualdade como direito, diferença como riqueza: Caderno 2: Conceitos e políticas. / CENPEC – São Paulo: SMADS; CENPEC; Fundação Itaú Social, 2007.

Parâmetros para formação do socioeducador: uma proposta inicial para reflexão e debate / Coordenação técnica Antonio Carlos Gomes da Costa. -- Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

PADILHA, P.R; ABREU, J; GADOTTI, M; ANTUNES, A. **50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido.** 1. ed. São Paulo : Instituto Paulo Freire, 2019. 3.964 Kb ; PDF

PAIVA, G. S. de. **Desenvolvimento neuropsicomotor infantil: fatores determinantes na pobreza.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

PÉREZ, B.C; JARDIM, M.D. **Vamos ouvir as crianças? Caderno de metodologias participativas Projeto Criança Pequena em Foco.** organização CECIP , Rio de Janeiro : CECIP, 2013.

PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 233 p. 2009.

PINTO, P. & SILVA, R. (2014). **Socioeducação: que prática é essa?** In I. L. Paiva, C. Souza & D. B. Rodrigues (Orgs.), *Justiça juvenil: teoria e prática no sistema socioeducativo* (pp. 141-160). Natal: Editora da UFRN.

RIBEIRO, ANDREA DA SILVA. **Conscientização e emancipação em Paulo Freire.** Sinergia, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 16-20, jan./jun. 2018

SARMENTO, Jacinto Manuel. **Infância, exclusão social e educação como utopia realizável.** Educação & Sociedade, ano XXIII, n o 78, Abril/2002.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores Associados, 2008

SCHUCH; Noemia; MERIGO, Janice. **As ações socioeducativas desenvolvidas pelo programa cidadão crescente no cras Santa Rita no município de Rio do Sul.** 2016.

SILVA, Ana L.F; PERRUDE, M.R. **Atuação do pedagogo em espaços não-formais: algumas reflexões.** revista eletrônica pro-docência/uel. edição nº. 4, Vol. 1, jul-dez. 2013. DISPONÍVEL EM: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>

SILVA, P. V. C; JUNIOR, A. L. C. **Efeitos da atividade física para a saúde de crianças e adolescentes.** Psicol. Argum., Curitiba, v. 29, n. 64, p. 41-50 jan./mar. 2011

SUGAHARA, Cibele Roberta. **A extensão universitária como ação socioeducativa.** Revista Conexão UEPG, vol. 8, núm. 2, julho-diciembre,2012, pp. 167-169. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Brasil.

TORQUATO, R.A; COSTA, M.G.R; OLIVEIRA, R.D; GARCEZ, R.M.W. **Pedagogia social - o pedagogo em atividades socioeducativas.** XII congresso nacional de educação. PUCPR, 26 a 29/10 de 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria Penha Villalobos. 10. ed. São Paulo: ícone, 2006

XIMENES, V.M; NEPOMUCENO, B.B ; CIDADE, E.C; JUNIOR, J.F.M. **Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências.** Fortaleza: Expressão geográfica editora, 2016.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza; MOURA, Eliana P.G. **Educação não escolar e universidade: necessárias interlocuções para novas questões.** 2007